STUMPF, André Gustavo. Freire, menos doutrina e mais análise no País. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 out. 1980.

ESP 19/10/80

"O Brasil continua precisando de análise à base de suas características e não de métodos importados."

Freyre, menos doutrina e mais análise no País

BRASÍLIA (Sucursal) — O professor Gilberto Freyre esteve em Brasília participando da Semana que leva seu nome, em homenagem aos oitenta anos recém-completados e à vastidão da obra. O professor Julián Marias, da Universidade de Madri, saudou em Gilberto Freyre sua competência para utilizar aquilo que chamou de "tempo hispânico": "Saúdo Freyre que soube perder tempo tomando café, conversando com os amigos madrugada adentro e realizou obra notável." Nesta entrevista exclusiva à "Folha", o "mestre de Apipucos" conta a André Gustavo Stumpf, um pouco de sua experiência.

"Folha": O senhor admitiria fazer alguma revisão nos seus livros para incluir a análise de fenômenos recentes como urbanização e industrialização do País?

Gilberto Freyre: Em livros como "Casa Grande e Senzala", Sobrados e Mocambos", "Ordem e Progresso", livros sobre os fundamentos da sociedade e da cultura brasileira, não faria qualquer modificação. E não tenho feito. Desde a quarta edição de "Casa Grande e Senzala" que o texto vem sendo o mesmíssimo do livro original. E a crítica tem tratado estes livros como perfeitamente atuais nas suas perspectivas antropológicas, sociológicas, filosóficas, além de históricas. De minha parte não tenho sentido a necessidade de fazer a mínima alteração naqueles textos.

É claro que se escrevesse um livro sobre atualidade brasileira procuraria atender às circunstâncias próprias destes últimos decênios, que não são alcançados naqueles trabalhos. Mas naqueles livros não faria modificação alguma.

"Folha": Quais são as modificações principais que o senhor percebe na situação do País, atualmente?

Gilberto Freyre: Nos últimos decênios intensificou-se extraordinariamente a urbanização e a industrialização, dois fatores modificadores da cultura brasileira. Sob essas circunstâncias sou muito daquela generalização do grande Ortega y Gasset. O homem é ele mais as suas circunstâncias. As circunstâncias sempre afetam o homem, não o transformam de modo radical, mas influem em suas atitudes e o obrigam a adaptar-se às novas situações. A generalização de Ortega é, para mim, válida.

"Folha": Urbanização e industrialização modificaram a formação do homem brasileiro?

Gilberto Freyre: O homem nacional tem 400 anos de desenvolvimento social. Este homem desenvolveu constantes que as circunstâncias não modificam de maneira radical. Elas afetam, mas já há o tipo nacional de homem vindo de sua experiência histórica, um homem que se está adaptando a esta força tremenda de urbanização e industrialização que se alastra sobre uma sociedade que começou agrária, pastoril e rural. São modificações consideráveis, mas o homem que recebe estes impactos está solidificado em muita coisa pela experiência de 400 anos, é uma experiência do Brasil secular.

O Brasil dos últimos decênios sofreu grande transição no sentido de sua modernização, mas continua brasileiro.

"Folha": Este tipo brasileiro seria basicamente conservador?

Gilberto Freyre: Não, não diria isto. O brasileiro tem tido uma grande capacidade de assimilação de impactos inovadores. Mas esta capacidade de assimilação sempre, no brasileiro que já se tornou típico, foi controlada pela capacidade de harmonização da inovação com a tradição. Foi assim que o brasileiro mudou sua forma de governo de maneira muito diferente das outras nações americanas, da monarquia para a República em 1889. Como se deu esta assimilação?

É o que procuro mostrar em meu livro "Ordem e Progresso", que até hoje não teve, no Brasil, a repercussão nem a crítica que merece. Procuro mostrar que o Brasil passou da monarquia para a república-monárquica que estava desenvolvendo um modelo de democracia política — recorrendo a um modo muito brasileiro, a experiência monárquica. Dentre os maiores estadistas que a República foi produzindo encontram-se conselheiros do Império como Rodrigues Alves — notável na consolidação da República. É o caso do conselheiro Rosa e Silva, Afonso Pena, Barão de Lucena, Visconde de Cabo Frio e, de modo notabilíssimo, do Barão do Rio Branco — que traçou as linhas básicas de nossa política externa e até hoje tem enorme importância.

Houve qualquer coisa de diferente do que ocorreu na América Espanhola, onde aconteceram rupturas com repúdio radical à experiência histórica anterior. No Brasil não houve uma forma nova de governo, a República em confronto com a monarquia, com grande aproveitamento da experiência anterior. Por esta razão, digo que há constantes que o brasileiro tem aproveitado e se revelam vivas nele quando assimila este formidável impacto urbanizante e industrializante.

"Folha": A tensão lenta e gradual promovida pelo governo também procura evitar a violenta ruptura política. Seria este o mesmo fenômeno a que o senhor se refere?

Gilberto Freyre: Creio que sim. Também neste caso estamos dentro de uma constante brasileira. Anuncia-se uma abertura, e creio que de parte do presidente João Figueiredo há um sincero empenho neste sentido, depois de um período excepcional como foram os últimos 15 anos de sucessivos governos militares. Eu destacaria outra constante militar: a de que o Brasil não tem vocação militarista. Veja que nenhum dos militares que assumiram o governo procurou consolidar-se na figura de um caudilho. Nenhum deles. É possível que um ou outro tenha assim desejado, mas encontrou reação na constante brasileira antimilitarista. Creio que esta "constante brasileira" é compreendida pelo presidente João Figueiredo e por este, sem dúvida notável, estadista que é o ministro Golbery do Couto e Silva.

"Folha": O senhor afirma que o brasileiro é antimilitarista, mas o País vem sendo governado de forma sistemática por militares desde a proclamação da República que foi, aliás, um golpe militar. Como o senhor explica isto?

Gilberto Freyre: Pode-se dizer que desde algum tempo os governos militares não têm tido apoio popular. Mas em 1964 os militares, evidentemente, tiveram apoio popular. O apoio foi dado a uma intervenção militar que naquele momento não se previa tão longa quanto se tornou. Quer dizer, não houve uma ação militar contra uma vontade brasileira, houve uma espécie de correspondência entre essa intervenção militar na política e o desejo nacional de sair de uma situação caótica como vinha sendo a dos últimos governos civis. Aí há qualquer coisa de sutil a ser considerado entre a disposição para o militarismo e o que realmente tem se sucedido no Brasil. Eu creio que ainda se pode afirmar que o Brasil não tem tendência militarista ou caudilhista. Esta afirmação torna-se clara se o País for comparado com seus vizinhos.

"Folha": Com sua experiência, que conselho o senhor daria hoje a um estudante?

Gilberto Freyre: Logo após o lançamento de "Casa Grande e Senzala" fui convidado pelos estudantes paulistas do Centro Acadêmico "Onze de Agosto" para uma conferência, que foi proferida num momento em que se defrontavam dois doutrinarismos intransigentes e intolerantes. Um era o comunismo, introduzido no Brasil por líderes de diferentes categorias intelectuais, entre eles um admirável Astrogildo Pereira e ao mesmo tempo um simplista intelectual, embora homem de bem, Luís Carlos Prestes — que ostentava um ânimo intransigente, mesiânico, pouco brasileiro. O outro movimento, igualmente intransigente, era o integralismo, também com líderes de diferentes categorias intelectuais. A mocidade estava sob dois impactos doutrinários e era levada a crer que tinha obrigação de optar entre as duas doutrinas. Doutrinas já feitas, doutrinas importadas que não correspondiam ao estudo dos antecedentes brasileiros. O tema daquela conferência foi "Menos Doutrina e Mais Análise".

Hoje daria o mesmo conselho. Menos doutrina e mais análise. O Brasil continua necessitando ser analisado à base de suas características, e não através de métodos importados. As universidades e os centros de pesquisa devem orientar estudos e pesquisas no sentido daquilo que fiz de maneira pioneira: combinar os métodos e repudiar a adoção de metodologia única, purista e unilateral.

"Folha": O senhor propõe, portanto, a escolha de um caminho mais nacional para a orientação da análise sobre o País.

Gilberto Freyre: Muito mais nacional, mais ecológico. Nisto não há um sentido nacionalista e patrioteiro, mas um sentido ecológico com alguma coisa de científico-social e alguma coisa de intuitivamente social.